

Chico Gomes
Fotógrafo

No simples retrato da vida, a figura humilde e sonhadora do homem que respira fotografia

Quando os olhos fundos e enrugados de Francisco Antônio Oliveira Gomes encontram no outro a beleza indecifrável do humano, se ouve um clique. As lentes capturam o que ele gostaria de guardar para sempre: histórias e momentos do que, até então, é desconhecido. Feitas com a paixão que o move, nascem as imagens daquele que, podendo expirar as dificuldades, resolve respirar fotografia.

O bom humor, que não tem vergonha de exibir, revela o homem feliz com o que faz da vida. As experiências exaustivas se foram e trouxeram uma luz, transformada em inspiração para seguir em frente. As conversas, quase sempre encenadas com a habilidade de um ator, imergem os espectadores no momento exato que ele teatraliza. Cada história é um verdadeiro espetáculo, que diverte e emociona.

É assim também com a fotografia. A sensibilidade do olhar, que lhe é característica, traduz os mais diversos sentimentos em imagem. Do sofrimento à união, da promessa à liberdade, Chico Gomes consegue transpassar, aos olhos alheios, aquilo que vê. E, com o olhar despido de prepotências, vê diferente, vê além. Cada fotografia é uma oportunidade de enxergar a essência da alma humana na imensidão dos pixels ou na finitude dos papéis.

No corpo, um hábito de traços, cores e formas distintos. A boina limpa bem posta na cabeça, as vestes de cores claras e a sandália de couro exibem a figura de outro Francisco, o fotógrafo. No coração, ideologias semelhantes ao Francisco santo. A filosofia de ajudar o próximo e a humildade sempre presente em toda a vida desvelam a sina dos

Franciscos - seja do céu, seja da terra.

As palavras, às vezes apressadas, dizem das transformações mundanas. Alguns fios de cabelos brancos que despontam embaixo da boina falam do tempo em que, ainda jovem, viu na fotografia um recanto iluminado. Determinado a alcançar os objetivos, não deixa que os ideais desfoquem e percorre pacientemente cada caminho que lhe é traçado, acreditando fielmente no poder das mudanças.

Nitidamente se enxerga o apreço por gente. Nos ensaios já registrados, a presença do homem é constante. Gosta das expressões que os seres humanos têm a oferecer nas imagens. As marcas, os tons de pele, os sorrisos e os mistérios o encantam e são deles que Chico compõe toda a beleza dos retratos já feitos. O enquadramento se reinventa nas lentes do "doido da fotografia", fazendo um estilo que o torna ainda mais único.

Na simplicidade da vida serena, encontra um espaço para grandes sonhos. Quer construir pontes e ligar a fotografia documental aos mundos ainda não explorados. Ir de encontro aos próprios pensamentos e deles extrair novas ideias, publicar novos livros, seguir intensamente naquilo que o faz feliz. Com a profundidade dos olhos, trazer do âmago de cada ser o que lhe é novo.

Dentro dele, uma ânsia visivelmente aflorada: espalhar conhecimento e ver outros olhos enxergando além. Um desejo de preencher com imagens todos os espaços que carecem de arte e repassar os ensinamentos que recebeu quando optou pela felicidade. Assim como o outro Francisco, também vive buscando cumprir uma missão: fazer da fotografia o ar de muita gente.

Ficha Técnica

Equipe de produção:

Amanda Matos
Nathanael Filgueiras

Entrevistadores:

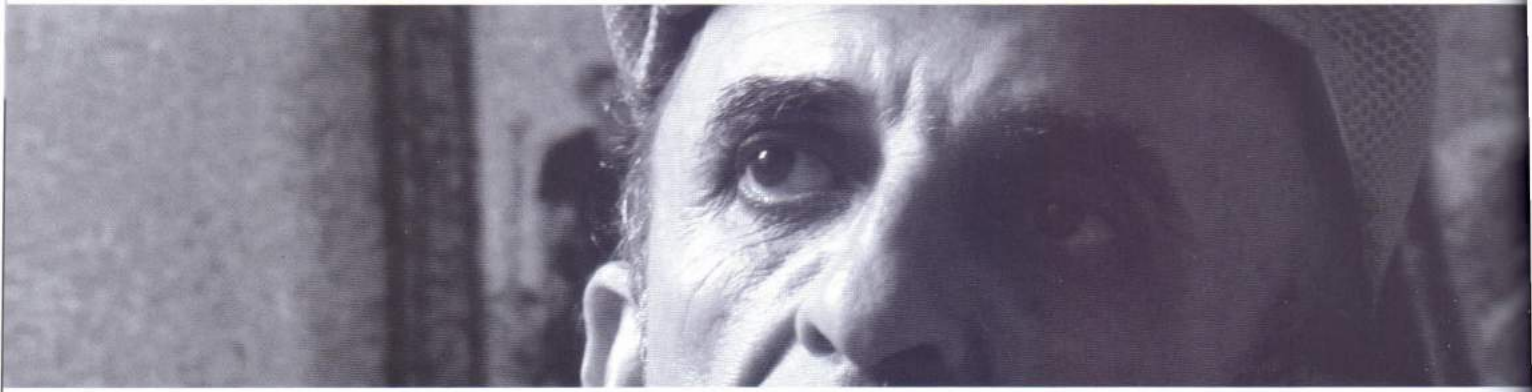
Amanda Matos
Ana Maria Rodrigues
Breno Reis
David Medina
Drielle Furtado
Hélio Grangeiro
Jadriel Lima
Mariângela Chagas
Nathanael Filgueiras

Texto de abertura

Nathanael Filgueiras

Fotografia:

Luiza Carolina Figueiredo



Entrevista com Chico Gomes, dia 30 de outubro de 2014.

Amanda – Bom, Chico, você começou na fotografia aos 35 anos de idade, mas trabalha desde bem antes disso. Quando era criança, você ajudava o pai na feira vendendo verduras. Então eu quero saber, em primeiro lugar, qual é a lembrança mais marcante que tem dessa época.

Chico – Olha, a lembrança mais marcante, na realidade, é eu ter de me acordar três e meia da madrugada pra poder ir pra feira. E a gente se acordava nesse horário, não tinha carro, e a gente trabalhava exatamente nessa área de venda de frutas e verduras, mais verduras, e se acordava três e meia da manhã e ia pro Mercado São Sebastião, que o Mercado São Sebastião era que abastecia o Mercado Central, na época. E íamos pra lá. A gente fretava um Jeep, ia comprar frutas e principalmente verduras lá no Mercado São Sebastião e ia pro Mercado Central, que na época funcionava ali onde hoje é o Centro Cultural do Banco do Nordeste. Tinha a venda de roupas e tudo mais, mas tinha uma grande venda lá de frutas, verduras, legumes. E a gente chegava ao mercado todo dia às quatro horas e dez minutos, comprava mercadoria e ia pro Mercado Central. Chegava ao Mercado Central e ainda estava escuro. E ia expor a mercadoria e ficava lá. Passava o dia todo vendendo, de seis horas da manhã até umas cinco horas da tarde. E tinha uma coisa interessante lá no mercado. Toda vida que eu saía de casa, na hora que eu me levantava, em frente a minha casa, tinha uma senhora que tinha um pé de roseira lá, e eu tinha essa coisa, mesmo sendo novo, de tirar uma rosa para levar para uma senhora lá no mercado. Todo dia eu chegava e dava uma rosa para ela. Foi durante vários anos eu fazendo isso e ela adorava essa coisa, né? Mulheres adoram receber rosas. E eu sempre fazia isso. Foi um momento interessante. E momentos assim *trash*, como se diz, por exemplo, em época de muita chuva, o mercado, na infraestrutura dele, não era bacana, não era bem solidificado. Então, tinha problema de vazamento de água, goteira e tudo o mais, e tinham momentos em que o mercado ficava tão cheio de água que a gente tinha de ficar em cima de caixas de tomate, porque o chão era alagado, a gente passava o dia todo em cima de caixas de tomate. E os fregueses vinham também em cima das caixas que a gente colocava para os fregueses andarem também no mercado para poder

comprar as mercadorias da gente, né? Assim, foi um tempo meio sofrido, mas que eu não tenho nada a reclamar, porque eu acho que foi um aprendizado muito grande na minha vida. Eu acho que a gente, quando trabalha, e eu trabalho desde novo, a gente vê a importância de se trabalhar, a importância de se ter uma ocupação, para não ficar fazendo besteira na vida, para mim, foi um aprendizado bacana.

David – Em algumas entrevistas, você deu a entender que começou a trabalhar porque queria entender como era esse processo de trabalho desde cedo, mas também, por outro lado, queria muito acompanhar o pai durante essa caminhada. Como é que você classificaria a afeição que tinha pelo seu pai (*Francisco César Gomes*) nessa época para acompanhá-lo ele durante o dia?

Chico – O meu pai é, sempre foi, a grande referência da minha vida, né? É uma pessoa que mal sabe escrever. Na verdade, saber escrever, ele escreve muito pouco e muito lento e pouquíssimo, porque ele só fez até o terceiro ano do primário, no interior do Estado, que não tem uma educação, né? Pelo menos na época não tinha. Mas em matéria de pessoa de boa índole, trabalhador, eu sempre procurei me inspirar nessa coisa que meu pai tem, sempre trabalhou demais, tanto que hoje ele tá com 84 anos de idade e é uma pessoa forte, anda, brinca, faz um monte de coisa, por quê? Porque no início da vida dele, ele sempre gostou muito de trabalhar, não farreava, como se dizia na época, né? Ele sempre foi uma pessoa do bem. E isso, de certa forma, me inspirou para eu continuar trabalhando. Então, eu trabalhei durante vários anos com ele.

Nathanael – Chico, por ser o filho mais velho e vir de uma família pobre, você se sentia na responsabilidade de ajudar em casa, ter de trabalhar para ajudar em casa?

Chico – Hoje diminuiu um pouco mais isso, mas, no meu tempo, sempre se dizia que o filho tem de ajudar o pai. E o filho ajuda o pai a partir do momento em que ele conseguia trabalhar junto com o pai, conseguia produzir junto com o pai. E eu me sentia nessa obrigação de estar com ele, de estar trabalhando com ele, de estar podendo ajudar em casa, tanto que ajudo até hoje, eu ajudo lá na minha casa, ajudo meus pais, compro remédio, compro um monte de coisa, ajudo, levo para o hospital, trago, compro coisas para eles. E eu sempre

Para a realização da entrevista, a produção entrou em contato com o Mercado dos Pinhões, onde a Feira da Fotografia é realizada, mas o local não estava disponível na data.

A Casa Amarela Eusélio Oliveira, dependência da Universidade Federal do Ceará onde Chico fez o primeiro curso de fotografia, também foi cogitada para a realização da entrevista.

A entrevista aconteceu no Sobrado Dr. José Lourenço, que, além de ceder o espaço para a equipe da *Revista Entrevista*, distribuiu catálogos do acervo e cartões postais para todos.

“Foi um tempo meio sofrido, mas eu não tenho nada a reclamar, porque eu acho que foi um aprendizado muito grande na minha vida.”

me senti na obrigação de estar próximo a ele, de estar ajudando, tanto ao meu pai quanto a minha mãe (*Francisca Fátima Uchôa Gomes*), que também não teve muita escolaridade.

Amanda – Mas toda essa responsabilidade que você tinha dentro de casa, você falou que passava o dia lá na feira, trabalhando... Como você conciliava isso com os estudos?

Chico – Então, como o trabalho começava cedo, seis horas da manhã, a gente já estava dentro do mercado, já vendendo as coisas, porque três e meia a gente se acordava para poder ir comprar lá no Mercado São Sebastião e depois levar para lá, a gente saía quatro e meia, cinco horas da tarde, até porque nesse horário já os fregueses não iam mais para o Mercado Central. E aí eu tinha chance de chegar em casa em torno de seis horas (*da noite*) e ia para o colégio próximo a minha residên-

cia, porque eu morava próximo ali do Montese, próximo ao Jardim América, dava para ir a pé. O colégio onde eu fiz o primeiro grau foi o Colégio Dom Manuel, ali na (*rua*) Costa Mendes. E eu tive essa chance de começar a estudar, né? Não estudei em colégio particular porque ninguém podia pagar, porque a gente ganhava muito pouco, trabalhava e ganhava muito pouco. E eu passei quatro anos estudando, fiz o primeiro grau no Colégio Dom Manuel e depois de lá eu fui para o Colégio Paulo VI. Foi onde eu, digamos, comecei um pouco na vida artística, que foi quando eu comecei lá, porque, no Colégio Paulo VI, a cada semestre, você aprendia uma arte diferente. Então, como eu passei quatro anos no Colégio Paulo VI, eu consegui aprender oito artes diferentes lá. Eu me incentivei, eu fiquei com uma vontade de fazer cada vez mais arte.

Nathanael – Quais as artes que você aprendeu lá?

Chico – Eu tenho 105 cursos de arte no meu currículo. Quando eu tinha tempo, eu fazia o curso. Quando não tinha aula durante um mês, eu estava fazendo um curso de arte. Era o tempo todo assim. Eu sei fazer bolo, eu sei fazer qualquer tipo de comida, eu sei costurar, eu sei fazer um monte de coisa. É tanto que, por exemplo, quando eu me formei, a minha formação maior é em design de moda. O vestido que a minha filha (*Geovana Gomes Duarte*) vestiu como minha madrinha na minha colação de grau eu desenhei, eu modelei, eu costurei e ela vestiu para ser minha madrinha. Após o Colégio Paulo VI, que eu passei esses anos fazendo esses cursos de arte lá, eu



A imagem na parede atrás de Chico estava posicionado para a entrevista é de autoria de Jarbas Oliveira, já citado nesta edição da *Revista Entrevista* por ter trabalhado com a também entrevistada Kamila Fernandes.



A entrevista foi acompanhada, quase na totalidade, por Davi Macedo, funcionário do Sobrado Dr. José Lourenço. Ele já trabalhou com a dupla de produção em um projeto anterior na universidade.

fui para o Colégio Castelo Branco, porque no Paulo VI não tinha segundo grau, nessa época. No Colégio Castelo Branco, eu fiz o meu segundo grau e, nessa época, os cursos não tinham segundo grau normal, era um segundo grau profissionalizante, né? Tinham os cursos de administração, contabilidade e estatística. E eu escolhi administração para poder começar uma vida, digamos, um pouco mais decente. E, nessa época, tinha uma grande empresa do Estado que fazia um trabalho de quê? A empresa escolhia os melhores alunos de cada curso do colégio nos três turnos diferentes: manhã, tarde e noite. E o melhor aluno de cada curso ganhava um estágio nessa empresa. Eu fui escolhido o melhor aluno de administração do turno da noite, e eu comecei a estagiar nessa empresa.

Amanda – Mas, nessa época, quando fez esse curso, que era um ensino médio técnico, você se via trabalhando naquilo para

sempre ou a paixão já tinha sido despertada pela arte? Você sabia que em algum momento ia querer...

Chico – É, a arte, a partir do Colégio Paulo VI, já, digamos, ficou um pouco borbulhando dentro de mim, né? E como eu só tinha esses três cursos, se tivesse um curso de artes plásticas no Colégio Castelo Branco, eu tinha feito artes plásticas com certeza, mas, como só tinha administração, contabilidade e estatística, não sei por que cargas d'água eu escolhi administração. E em 1982, fui escolhido o melhor aluno do turno da noite de administração e comecei o estágio nessa empresa. Nessa empresa, eu comecei como técnico em administração, que era um curso profissionalizante, né? E um ano e meio depois eu passei para a área financeira, e comecei a aplicar o dinheiro da empresa no mercado financeiro. E, nessa história, eu passei 19 anos.

Com o tempo, eu vi e disse: "Meu Deus do Céu. Eu não gosto disso aqui, Eu não quero isso aqui na minha vida." Mas continuava lá, porque ganhava bem, comecei a ter um cargo comissionado, comecei a ganhar melhor ainda... Porém teve um momento em que explodiu uma bomba. Eu disse assim: "Não, eu não aguento mais isso." Como foi que explodiu essa bomba? Um certo dia eu saí da empresa, e eu não tinha carro nessa época, fui pegar o ônibus para poder ir para o terminal da Parangaba. E aí, às 20 horas, mais ou menos, tinha saído da empresa, que tinha finalizado lá uns fluxos de caixa, ai fui para a frente da empresa para pegar o ônibus para poder ir para o terminal da Parangaba. Chego no terminal da Parangaba, vou pegar o ônibus para poder ir para casa. Beleza, pego o ônibus, vou para casa. Vou, vou, vou, vou, dou sinal para descer.

"Fiz o curso da Casa Amarela. Dali, quando eu terminei o curso, a minha ideia já foi formar um grupo de fotógrafos, para poder fazer fotografia."

Durante a entrevista, além dos cliques feitos pela fotógrafa Luiza, funcionários do Sobrado Dr. José Lourenço vieram fotografar o grupo em vários momentos.

Durante a produção desta entrevista, desde o convite até a confirmação no dia de captação, foram feitas várias ligações para o celular de Chico Gomes. A dupla de produção perdeu as contas do número exato.

Quando eu desço, eu não tinha chegado em casa, eu tinha voltado para a empresa. Eu disse: "Não, eu estou ficando doido." Como é que pode um negócio desses? Eu pego o ônibus para poder ir para o terminal, do terminal pego o ônibus para poder ir para casa, e, em vez de ter ido para casa, peguei foi um voltando para a empresa. "Ai, meu Deus, eu estou ficando maluco! Eu não aguento mais isso aqui, meu Deus do Céu. Me dê uma luz. Me ilumine para isso aqui." Tomei um banho, jantei, fui dormir, né? No outro dia, fui para a empresa. Cheguei à empresa e sentei no birô. Eu disse assim: "Meu Deus me ilumine porque eu quero alguma coisa na minha vida. Eu quero. Eu não aguento mais isso aqui." No meu birô, tinha uma moldurazinha com uma foto 10 x 15 que eu tinha feito com uma maquinazinha Love, é a nova! E eu fiz essa foto da minha família. E eu disse: "Rapaz, quando eu fiz essa foto eu tive um prazer enorme! Sabe de uma coisa? Eu acho que eu vou ser fotógrafo e isso vai me dar um prazer na minha vida."

Ana Maria – Chico, você falou que trabalhou 19 anos nessa empresa e se mostra insatisfeito, né? Ficou por um bom tempo. Mas teve alguma experiência durante esses 19 anos que foram positivas para você de alguma forma?

Chico – Olha, algumas experiências foram interessantes. Uma das primeiras experiências: o largo menu de amigos que consegui dentro da empresa. Pela empresa eu passei a ser da seleção cearense de voleibol. Não tem quem diga! Eu fui da seleção cearense de voleibol durante 12 anos. Fui levantador da seleção cearense, conheci o Brasil por conta do voleibol. Eu aprendi muito sobre a vida e aprendi muito sobre o mercado financeiro, eu comecei a entender muito, porque eu tinha de ler o *Gazeta Mercantil* e o *Valor Econômico* todo dia,

"Todo enquadramento de uma imagem que eu realizo, ali está todo o meu embasamento cultural, não só embasamento técnico como fotógrafo."

Para o material de produção, foram feitas entrevistas com José Cléber, irmão de Chico, os amigos David Motta e José Lourenço e Geovana Gomes, filha, além de uma pré-entrevista com o próprio Chico.



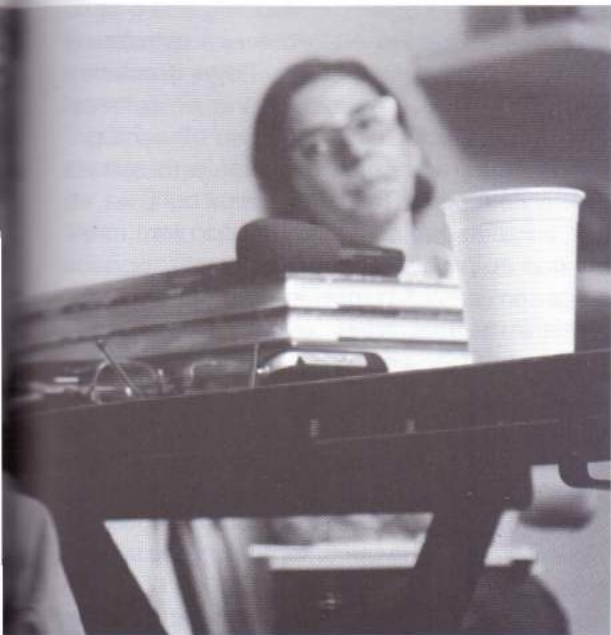
eu tinha de analisar balanço de vários bancos todo dia, eu tinha de aplicar em CDBs, RDBs, fundo de renda fixa, fundo de renda variável, mercado de ações, futuro de índices.

David – Nesse momento, você achou que a fotografia seria um bom investimento?

Chico – Não, mas, no momento, eu queria era me livrar daquilo lá. A minha ideia era me livrar daquele negócio que eu não aguentava mais. Eu queria qualquer coisa na minha vida, mas, no primeiro dia, no primeiro momento, eu encontro a fotografia na minha frente. Eu disse: "Eu vou ser fotógrafo." E bom: "Eu vou ser fotógrafo, então amanhã mesmo eu vou pedir as contas." Eu começo a fazer as coisas e disse assim: "Mas como é que eu vou ser fotógrafo se eu não sei porra nenhuma de fotografia ainda? Como é que eu vou ser fotógrafo sem saber ser fotógrafo? Então, eu preciso fazer um curso de fotografia." Quando se pensa, pelo menos na minha época, quando se pensava em curso de fotografia, só tinha uma referência chamada curso de fotografia Casa Amarela Eusélio Oliveira, era a grande referência da fotografia cearense. Eu fiz o curso com o professor Riomar Freire de Oliveira, um general aposentado do Exército que era professor de fotografia lá. Aprendi muito com o professor Riomar, ele gostou muito de mim, ele pediu para eu ser o monitor da turma e tudo mais, quer dizer, eu já comecei a me interessar pelo negócio. Fiz o curso da Casa Amarela. Dali, quando eu terminei o curso, a minha ideia já foi formar um grupo de fotógrafos, para poder fazer fotografia.

Hélio – Isso antes da saída da empresa?

Chico – Antes da saída da empresa. Fiz o curso à noite. Saía da empresa e, em vez de ir para casa, ia para o curso. Tinha terminado o segundo grau, achava que estava formado,



ia para o curso. Consegui comprar minha primeira câmera, uma Nikon FM10, uma câmera de filme, na época era câmera de filme, e comecei a fotografar. E eu comecei a exercer uma função que eu chamava de "rato de igreja". Eu estava todo final de semana, sábado e domingo, às vezes na sexta-feira, na porta da igreja, esperando alguma Crisma, algum Batizado, alguma Primeira Eucaristia, essas coisas assim, para poder fotografar e dizia: "Minha senhora, fazer uma fotinha aí? Três contos. Eu deixo em casa." Comecei a fotografar. E comecei a fazer essas fotinhas. Começou a aparecer um casamentozinho, já começou a aparecer um dinheirinho melhor... Eu sei que, um ano depois que eu tinha resolvido essa história, já tinha começado a ganhar um dinheirinho legal. Isso foi, mais ou menos, em novembro de 2004, eu acho, eu disse: "Sabe de uma coisa? De fome eu não morro mais não. Vou criar vergonha na cara e vou pedir as contas e vou viver do que eu estou fazendo agora, que é fotografia." Resolvi isso em novembro. Eu peguei um calendário, olhei as datas aqui, do ano seguinte. "Vou pedir as contas dia 13 de maio, dia da libertação dos escravos." Eu continuei na empresa e continuei trabalhando em fotografia, fotografando final de semana, comecei a ganhar um dinheirinho legal. Dia 12 de maio. Eu disse: "Cara, eu não acredito que a minha carta de alforria é amanhã." No outro dia eu me levanto, tomo meu banho e vou para a empresa, né? (*Suspira*)

Chego à empresa, tiro a mochila das costas, eu começo a guardar minhas coisas do birô aqui na minha mochila, boto a mochila nas costas da cadeira e boto as pernas em cima do birô. Fico lá. Imagina, peão, com as pernas em cima do birô. Isso esperando o chefe chegar, porque o que eu queria? Realizar o maior



sonho da minha vida: entrar na sala do meu chefe e mandar para a puta que pariu. (*risos de todos*) A ideia era essa. Não deu outra, não deu outra. Eu esperei o quê? Passou o chefe... Eu fiquei olhando para ele assim... Ele olhava para mim e achava esquisito, né? E eu sem fazer porra nenhuma. Disse: "É agora!" Peguei a mochila, botei nas costas, ia me levantando e disse: "Não. Sabe de uma coisa? Eu não vou agora, não. Que esculhambação só presta com testemunha. Eu vou esperar começar a reunião da manhã." Porque toda manhã tinha uma reunião da diretoria financeira. Chegou eu e o diretor financeiro. Chegou a diretora administrativa e chegou o diretor de recursos humanos. Bom, vamos para a reunião. A reunião lá começou e eu disse assim: "É agora!" Botei minha mochilazinha nas costas, me levantei. "Galera, cara, maior prazer da minha vida foi ter conhecido todos vocês, mas eu estou me afastando da empresa hoje, que agora eu vou fazer o que eu amo fazer da vida, que é fotografia." E a gente tem um problema quando é subordinado a um chefe, principalmente a um chefe fuleiragem. Você chega na porta, na porta do chefe, (*bate na parede*), abre assim: "Posso entrar, doutor?" Ele não tinha sirene, não tinha nada, ele não tinha secretária. "Doutor". O cara é formado, só, não tinha nada de doutor. Ele diz: "Pode" ou "Não", né? E eu fui fazer isso? Eu ia pedir desculpa? Que história é essa? Botei a mochila nas costas aqui, cheguei aqui na porta dele e dei foi uma porrada na porta. (*risos*) A porta bateu assim e eles olharam para mim, assustados, né? Eu olhei assim para eles, olhei para os três diretores e disse: "Estão assustados por quê?" Foi que eles falaram: "Você está ficando doido, rapaz?!" E eu disse: "Não, estou ficando doido não, meu irmão, eu estou ganhando a minha liberdade espiritual. Vá você, você e você para a

A dupla de produção da entrevista estagia na mesma empresa onde Chico Gomes estagiou e trabalhou por 19 anos. Nenhum dos dois sabia desta informação antes do início da produção.

Na véspera da entrevista, Chico avisou a produção que estaria em Aracati na data e só conseguiria chegar com uma hora de atraso. No final das contas, Chico conseguiu chegar na hora marcada inicialmente.

Assim que chegou ao local da entrevista, a primeira pergunta que Chico fez foi se a turma conhecia Evgen Bavcar, fotógrafo esloveno cego desde a infância. Ele contou um pouco da história de Evgen para a equipe como um exemplo de superação.

puta que pariu. Vão se lascar, porque agora eu vou viver do que eu amo na minha vida que é fotografia. Tá aqui para vocês!" (*mostra o dedo do meio*) e fui embora. E saí e fui embora.

Nathanael – Chico, inicialmente você queria ser fotógrafo por gostar e por querer se libertar, mas você enxergou um potencial na fotografia para ganhar dinheiro, para sobreviver disso?

Chico – Pois é. A minha mulher, na época, quando eu fiz isso, que cheguei em casa, a primeira coisa que aconteceu com ela, logicamente, ela desmaiou. (*risos*) Caiu no chão. "Como é que tu é doido desse jeito? Dezenove anos de empresa, vai fazer um negócio desse? E agora nós vamos viver de quê?" E eu disse: "Nós vamos viver da fotografia." Eu sempre fui da calma. Eu sempre fui tranquilo, calmo. "Vai dar certo. Não se incomode, não, que vai dar certo". Quando eu comecei a ganhar um pouquinho de dinheiro, eu disse assim: "Rapaz, com pouco trabalho, eu ganho um dinheirinho

sobre aquele fotógrafo. É Fotobiografia o título do evento. Quando eu comecei a estudar os primeiros fotógrafos, Gentil, Tiago (*Santana*), Silas, Zé Albano, Maurício Albano, eu comecei a ler o trabalho deles, quando eu olho, na primeira fila, para assistir a minha palestra, está lá Gentil, Zé Albano, Tiago Santana. Eu: "Cara, eu não acredito que está acontecendo isso não!" Foi que eu percebi mais ainda que eu poderia galgar um caminho mais interessante na fotografia. E me apaixonei.

Breno – Chico, você diz que respira fotografia...

Chico – (*interrompendo*)... Vinte e quatro horas por dia.

Breno – Isso foi algo que você percebeu em um momento de revelação em que percebeu que a fotografia era o seu destino ou isso já vinha com você há muito tempo e você só percebeu naquele momento?

Chico – Olha, essa coisa da imagem, na realidade, começou comigo quando eu fiz pintura. Fiz o curso de pintura do Centro Social Urba-



legal. Se eu me especializar um pouco mais, se eu começar a estudar a minha arte um pouco mais, eu acho que eu posso me tornar um fotógrafo, de certa forma, interessante, com um olhar mais rebuscado, com um olhar com uma estética legal e, talvez, trilhar um caminho bacana na fotografia." E eu comecei a ler grandes fotógrafos. Ler, ler, ler e inclusive os cearenses, fotógrafos como o Zé Albano, Gentil Barreira, o próprio Silas de Paula, que ganhou o prêmio da Nikon e tudo o mais. E aconteceu um negócio interessante, que em uma das palestras que eu dei dentro da Faculdade Católica do Ceará pelo o Instituto da Fotografia do Ceará (IFoto)... Teve um evento chamado... Não era Olhares Refletidos, não. Era um evento que eu lembro já do nome. Que a gente pedia o quê? O que era o evento? Eu, como membro do IFoto, escolhia um grande fotógrafo em nível nacional, em nível do Brasil, ou de fora, ia estudar sobre aquele fotógrafo e ia dar uma palestra

no Presidente Médici, ali na (*avenida*) Borges de Melo, com o maior mestre (com ênfase) da pintura cearense, que foi o César Gabrielli. O César Gabrielli foi considerado o maior pintor de marinha do Brasil. O cara era genial. Ele pintava uma marinha, ele botava uma jangada no mar e você percebia que a jangada estava balançando. Era um negócio meio doido! Ele se tornou o maior pintor de marinha do Brasil. E a minha coisa mais virada para uma arte mais pensada de enquadramento, de composição, foi a partir do momento em que eu estudei pintura com o César Gabrielli. Isso, digamos, deu uma luz para, quando eu passar para a fotografia, poder começar a entender sobre enquadramento, sobre composição, sobre regra dos terços, esse negócio todo. A pintura me ajudou muito, me ajudou bastante nessa coisa de eu trilhar esse caminho na fotografia.

Jadiel – Além da sua formação informal, das suas leituras, você também se formou pela

As fotos do grupo tiveram de ser feitas antes da entrevista, pois, devido ao horário, a luz ficaria fraca antes do término da entrevista, impedindo que as fotos fossem tiradas depois, como é costume.

Casa Amarela quando estava começando. Como é que você chegou até lá e como é que foi essa experiência da entrada na Casa Amarela para o seu aprendizado?

Chico – Eu cheguei até lá naquela história de que o primeiro curso que se pensa quando se quer fazer fotografia na cidade de Fortaleza, pelo menos na minha época, em 2005, 2006, é a Casa Amarela. Não tinha Travessa da Imagem, não tinha a Escola Massive, não tinha essas outras escolas, tinha a Casa Amarela Eusélio Oliveira, então ia para lá. Quer aprender fotografia? Quer aprender cinema? Quer aprender animação? Casa Amarela Eusélio Oliveira. E a ideia foi ir para lá mesmo e começar a aprender o básico da fotografia, que lá sempre ensinou laboratório, você aprendia a fotografia nascendo, que é a coisa mais fantástica do mundo, não sei se vocês passaram por essa experiência no laboratório, que é uma coisa louca, entendeu? É quando você se apaixona pela fotografia.



Hélio – Quem você diria que são talvez as maiores influências na fotografia?

Chico – Aqui no Ceará, eu tenho o Tiago Santana, que é um fotógrafo, hoje, que é considerado o maior fotodocumentarista das Américas. O Tiago Santana inventou uma nova forma de olhar, uma nova forma de ver... É tanto que na coleção *Photo Poche*, francesa, que é uma das maiores coleções do mundo de grandes fotógrafos mundiais, só dois fotógrafos brasileiros têm livros publicados pela *Photo Poche*. Um deles foi Sebastião Salgado, que publicou um livro lá, e o outro foi Tiago Santana. Quer dizer, é um cara que inventou uma nova forma de ver. E é um cara interessante. Ele nunca usou digital na vida dele. Ele usa analógica. É uma grande referência minha, como o Silas de Paula, que eu considero o maior conhecedor da fotografia contemporânea brasileira na atualidade. O cara é monstro, sabe demais! Eu digo até para ele que ele não fotografa mais,

ele trabalha com imagem, porque você não vê uma fotografia do Silas de Paula pura. Toda fotografia do Silas de Paula tem um efeito de filtro. Eu brinco com ele: "Rapaz, tu não és mais fotógrafo não, Silas, tu trabalhas com imagem. Tu fazes uma foto e trabalhas em cima dela e constrói uma imagem."

Mariângela – Você acredita que a educação formal é importante para ser um bom fotógrafo ou só o talento basta?

Chico – Olha, na fotografia de cada fotógrafo, não é só o que ele aprendeu como técnica fotográfica. Todo enquadramento de uma imagem que eu realizo, ali está todo o meu embasamento cultural, não só embasamento técnico como fotógrafo, mas está o meu embasamento cultural, o que eu aprendi sobre arquitetura, o que eu aprendi sobre farmácia, o que eu aprendi sobre medicina, tudo o que eu leio sobre agricultura, sobre zootecnia, tudo está junto ali no meu enquadramento. Porque esse recorte da realidade que eu faço é mais

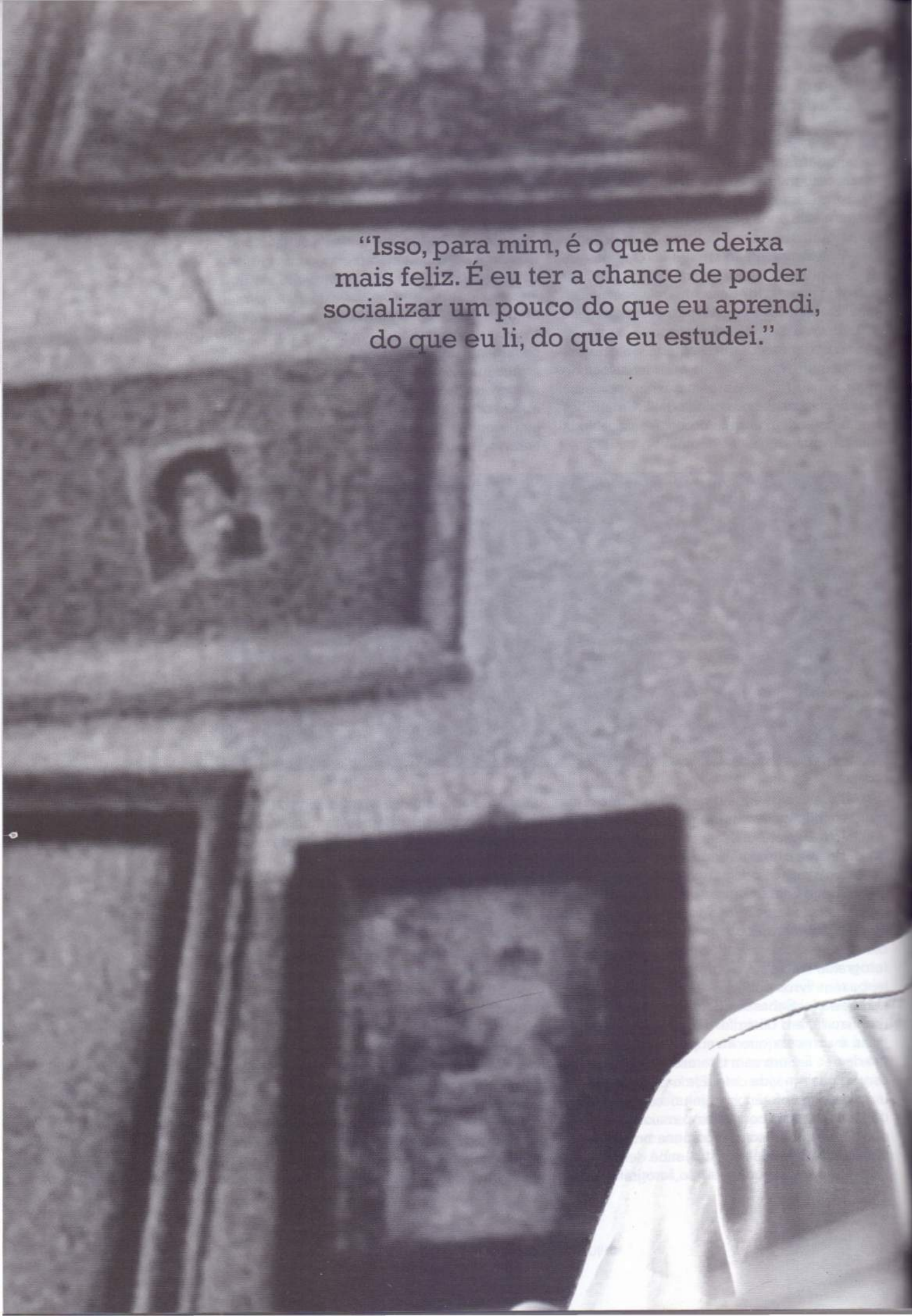
ou menos aquilo que eu tenho dentro de mim e quero mostrar de alguma forma. Não é só aquela coisa técnica de fazer uma foto dentro da regra dos terços, bonitinha, para mostrar não. Tem de ter isso.

Ana Maria – Chico, tem uma entrevista com o (produtor) David Motta na qual ele fala que a sua sensibilidade no olhar é uma das características que ele mais admira. Você já até comentou um pouco sobre isso, mas o que é que não pode faltar, uma característica ou um traço de personalidade, talvez, o que é que não pode faltar em um bom fotógrafo?

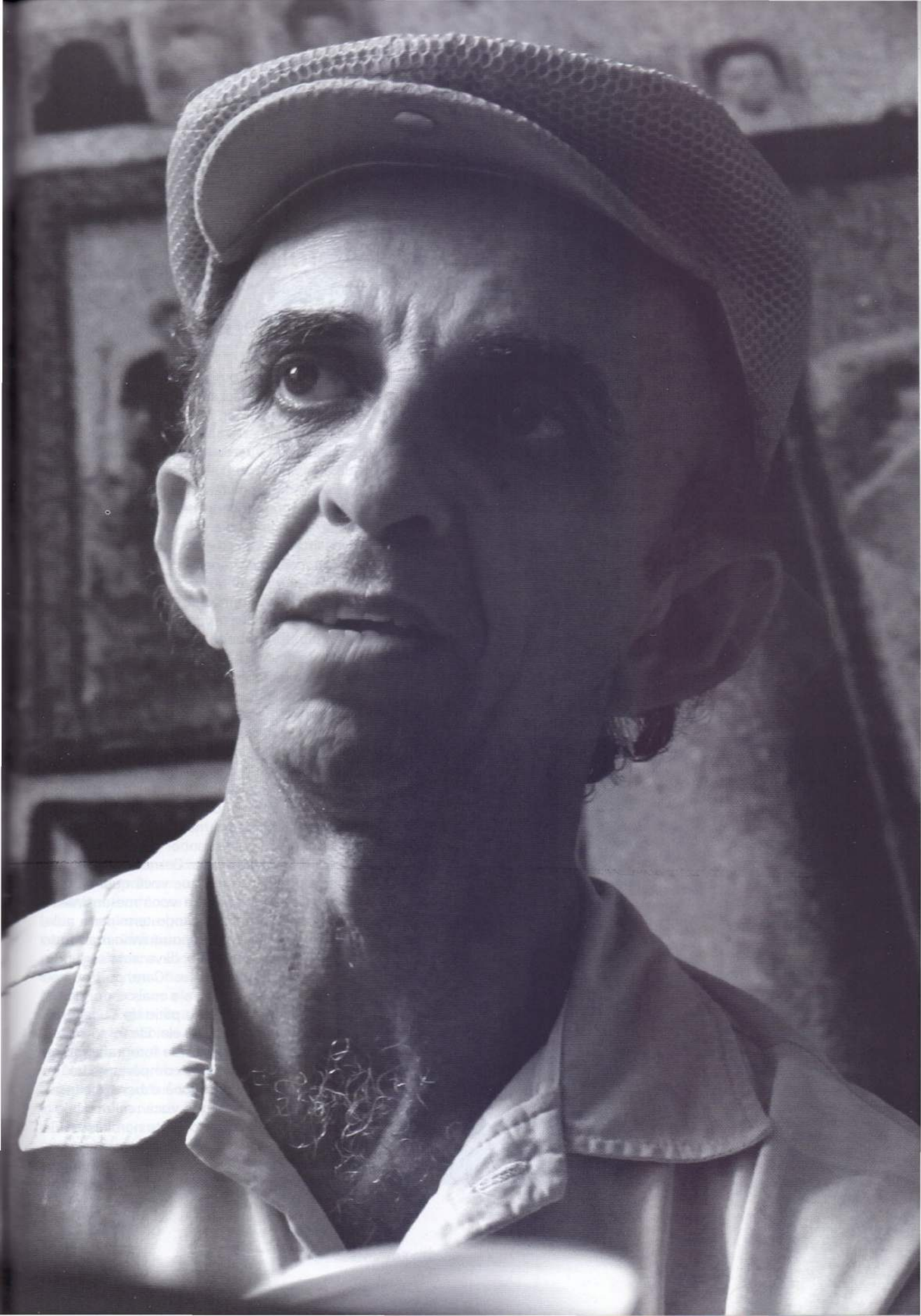
Chico – Olha, eu acho que uma das coisas que não podem faltar em um bom fotógrafo é a possibilidade de ele socializar os conhecimentos que ele tem. Eu acho que é uma das coisas que eu faço muito na minha vida, sabe? É tanto que, depois que eu aprendi um pouco mais sobre fotografia... Uma coisa interessante, eu vivia na porta de igreja sendo

Chico Gomes, ao final da entrevista, entregou um exemplar do livro *Homens Caranguejo* e pediu que ele fosse doado para o acervo da Biblioteca Universitária.

Depois do término da entrevista, a produção percebeu que o gravador só havia gravado os 11 primeiros minutos, pois a memória estava cheia com as entrevistas anteriores. O áudio foi transcrito da gravação de um celular.

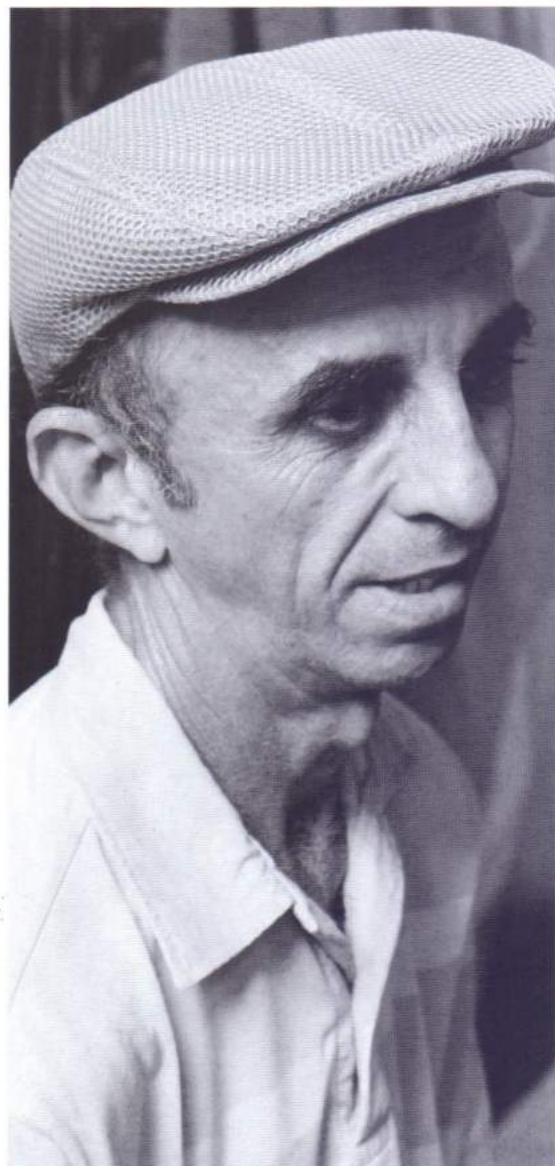


“Isso, para mim, é o que me deixa
mais feliz. É eu ter a chance de poder
socializar um pouco do que eu aprendi,
do que eu li, do que eu estudei.”



Após a entrevista, Amanda comentou que morava muito próximo ao Mercado dos Pinhões, mas nunca havia visitado a Feira da Fotografia. Chico, brincando, disse que aquilo era um absurdo e se recusava a continuar conversando com ela.

rato de igreja. E as pessoas começaram, lá no meu bairro, eu moro lá na Vila Manoel Sátiro, as pessoas começaram a ver que eu fazia uma foto diferenciada, uma foto bacana, e eu comecei a ser tipo uma referência. As pessoas faziam foto do casamento, aniversário e iam lá em casa para mostrar. "Seu Chico, olha aqui. Eu fiz as fotos com aquele homem, mas ele não fotografa direito, não. Olha aí como saiu ruim, essa luz velha muito clara na minha cara. Ave Maria, eu saí brilhosa! E essa sombra bem grandona do meu lado". Eu dizia: "Isso foi fotografado onde?" "Não, foi na igreja lá da Vila." E eu disse assim: "Rapaz, interessante, o cara tem um bom equipamento, mas não consegue fazer uma foto legal." Aí é que está, quem faz a foto não é o equipamento, é o fotógrafo. "Sabe de uma coisa? Eu vou ajudar essa galera." Pego e faço um cartaz e prego um cartaz no salão paroquial da igreja da Vila Manoel Sátiro, da igreja do Mondubim e na igreja do Parque São José. E eu chamo 17 fotógrafos e dei um curso de um mês sem cobrar nada de nenhum



A equipe de produção ficou preocupada com as vezes em que Chico levantava da cadeira para encenar as histórias dele. A preocupação era de que o gravador não captasse o áudio à distância.

"Acima de qualquer livro que eu lançar ou de qualquer prêmio que eu ganhar, o maior troféu da minha vida foi ter tirado esse cara das drogas."

para ensiná-los a fotografar com o equipamento que eles têm e fazer uma melhor fotografia. Quer dizer, isso, para mim, é o que me deixa mais feliz. É eu ter a chance de poder socializar um pouco do que eu aprendi, do que eu li, do que eu estudei, com alguns outros fotógrafos.

E um dos maiores alimentos que eu tive como fotógrafo foi conseguir tirar um cara das drogas e o cara hoje é fotógrafo de rally. Eu fui ensinar no Cuca da Barra do Ceará (*equipamento da Prefeitura para promover atividades de arte, cultura, lazer e esporte nos bairros*) e, de repente, eu conheci o André, o André Rocha. Aquelas toucas muito doidas mesmo, cabelão pirado, roqueiro, o cabelo até aqui assim muito doido. Você olhava nos olhos dele, vermelhos, e ele chegou para mim assim. Ele se inscreveu no curso, começou a fazer o curso e, no primeiro dia do curso, ele chegou para mim e disse: "Professor Chico, olhe para mim" Eu olhei para ele. "Acho que o senhor está entendendo mais ou menos a minha situação, não está não?" Eu disse: "Olha, eu acredito que sim." "Pois é, eu sou viciado, eu sou viciado em pedra e maconha, mas eu quero sair dessa vida. Eu queria que o senhor me ajudasse." Eu disse: "Eu vou lhe ajudar. Como é que eu posso lhe ajudar? Como é que você quer ajuda?" "Professor, eu queria que você me ensinasse um pouquinho mais. Quando terminar a aula, o senhor me ensinar um pouquinho mais todo dia que tivesse aula." Eu dava aula segunda, quarta e sexta lá. Eu disse: "Cara, pois eu vou ficar com você uma hora a mais todo dia." E ficava do lado de fora, no pátio do Cuca, ensinando uma hora a mais a ele. Ele foi tomando gosto, e eu não falava só de fotografia, eu falava de vida, eu falava de comportamento, eu falava de como é que você é bem aceito na sociedade a partir do que você realiza. Hoje o cara me idolatra e eu não gosto nem disso. Ele me joga lá para cima. E hoje o cara é fotógrafo de grandes competições de rally, Cerapió, Rally dos Sertões, ganha dinheiro, sustenta



Para as fotos da entrevista, a produção pediu uma câmera instantânea emprestada a Cecília Oliveira. O objetivo era fazer algumas imagens diferenciadas, algo que Chico sempre busca em suas fotografias.

a família com a fotografia, é evangélico, saiu das drogas e hoje ele é um cara liberto. Nunca mais pegou em drogas na vida dele e o dinheiro que ele ganha dá para sustentar a vida dele e viver bem e sorrir todo dia. Cortou o cabelo, não tem nada a ver, mas cortou o cabelo. E é, digamos, um cara normal hoje em dia. Já não é aquele cara que era entregue às drogas, né? Então isso, para mim, é o maior troféu da minha vida, acima de qualquer livro que eu lançar ou de qualquer prêmio que eu ganhar, o maior troféu da minha vida foi ter tirado esse cara das drogas. Isso é show de bola para mim!

Breno – No momento em que você foi se dedicar a aprender a fotografia, você também encontrou a solidariedade de fotógrafos experientes para lhe ensinarem também?

Chico – Olha, alguns fotógrafos se opuseram a fazer isso, mas eu descobri pessoas humildes, simples e superbacanas, como o Zé Albano, como o Maurício Albano... No início da minha fotografia, eu ia para a casa deles lá na Sabiaguaba e aprendi muito com eles. O laboratório deles é um laboratório feito artesanalmente. E essa coisa humilde do Zé Albano nunca deixou de socializar o conhecimento dele. Hoje eu aprendo muito com o Silas de Paula. Eu produzo a Feira da Fotografia de Fortaleza. É um cara que sempre está do meu lado, sempre pergunto coisas para ele, é o curador das minhas exposições, ele junto com o Tiago Santana. Ele (*Silas de Paula*) sempre fazia a curadoria das minhas exposições, no meu primeiro livro eles (*Silas de Paula e Tiago Santana*) fizeram isso também, e são pessoas que eu tenho como referências e como mestres dessa arte de capturar imagens.

Nathanael – Você falou que tem um prazer em fotografar o humano, conhecer histórias. Como você insere a sua identidade, o seu estilo, nesses registros que faz das outras pessoas?

Chico – Olha, por exemplo, no livro *Francisco*, qual foi a minha preocupação de traba-

lhar com o livro *Francisco*? Eu queria, a partir das minhas imagens, que os pecadores do livro, os pecadores que vão folhear o meu livro, pudessem perceber no rosto doromeiro a filosofia de São Francisco. A filosofia da bondade, da humildade, da simplicidade. E eu acho que, de certa forma, estou conseguindo isso. Porque Francisco, da família Bernardoni, italiana, uma das famílias mais ricas da Itália, riquíssima na Itália, a família Bernardoni, e ele doa tudo o que tem na vida e passa a cuidar dos pobres, dos leprosos. Quer dizer, uma coisa que jamais você vai ter hoje o pastor, um padre ou seja lá o que for que vá fazer isso na vida. Não tem mais quem faça o que Francisco fez. É tanto que eu acho uma filosofia de vida incrível de Francisco. Sou um seguidor, leio muito sobre Francisco.

Nathanael – Chico, os seus trabalhos autorais diferem um pouco na temática. Você já retratou a diversidade sexual, a poética da saudade, no Cemitério São João Batista, já fez trabalhos sobre o afoxé e o carnaval de Fortaleza. Essa diversidade de temas é uma curiosidade sua de trabalhar esse tema ou é uma força

“Não tem mais quem faça o que Francisco fez. É tanto que eu acho uma filosofia de vida incrível de Francisco. Sou um seguidor, leio muito sobre Francisco.”

Na reunião de avaliação da entrevista, Hélio comentou que havia sido interrompido diversas vezes em suas perguntas. A partir daí, surgiu a piada de que ele acionaria o Seguro DPVAT, pois tinha se sentido atropelado.

Luiza também é responsável pelas fotos da entrevista de Halder Gomes, além de já ter fotografado edições anteriores da *Revista Entrevista*. Nathanael, da equipe de produção, também já fotografou edições anteriores.

maior de mostrar uma realidade que não é tão vista por outras pessoas?

Chico – O Sebastião Salgado é um cara conhecido como o fotógrafo que fotografa as migrações pelo mundo. Eu gosto de tentar jogar o meu olhar em cima de muita coisa diferente, né? É tanto que eu faço um trabalho, que você falou, sobre a Parada da Diversidade Sexual de Fortaleza, vai ser um livro que vai ser intitulado *Retratos de uma Parada*, mas fotografo também o Cemitério São João Batista, que é o *Poética da Saudade*. É um cemitério que tem 180 anos de história, que eu acho que é bacana ser fotografado. Eu gosto mesmo de diversificar o olhar. É uma coisa mais... No meu olhar, a figura humana é sempre o grande motivo do meu olhar. No *Poética da Saudade* você vê

eu estou fazendo junto com o professor Ricardo Salmito, que é professor, é sociólogo, ele é lá da UFC de Juazeiro do Norte. O cara é uma super-referência, e considero um gênio da sociologia, o cara é fera demais! Então ele está fazendo os textos do livro e eu estou fazendo as imagens do livro *Bastião*. Quer dizer, todo livro meu, todo ensaio fotográfico que eu penso, o ser humano tem de estar presente, porque eu acho que é o grande lance da fotografia, é o ser humano. “Cara, tu fotografas tão bem. Por que é que tu não fotografas paisagem?” Eu disse: “Não, tem paisagem no meu livro também. Tem paisagens humanas. Tem uma paisagem com um enquadramento com um ser humano em algum local lá da paisagem.” Mas o ser humano, para mim, é o grande lance da minha



muita gente nas fotografias, no *Francisco* nem se fala, *Retratos de uma Parada* também é só coisa relacionada aos personagens da Parada, tem também o *Sob a Laje*, que é um trabalho que eu produzi, não sei se eu falei para vocês, é um trabalho que eu fotografo as pessoas que vivem sob as lajes na cidade de Fortaleza.

Mas tem outros também, por exemplo, tem um trabalho que eu comecei, inclusive o Silas de Paula sacaneou comigo (*bate na mesa três vezes*), ele ganhou um prêmio na minha frente, porque eu comecei a fotografar isso antes dele, mas ele foi mais esperto do que eu e lançou primeiro esse olhar, que foi o trabalho intitulado... O nome do meu trabalho é *Bastião*, é um livro sobre o Mercado São Sebastião que

fotografia. É o que eu gosto mesmo

Amanda – Chico, além desses ensaios artísticos que faz, que até alguns estão em livros, você faz o que em algumas outras entrevistas chamou de fotografia social. Trabalha com políticos, casamentos, esse tipo de coisas. Como você coloca esse seu olhar, usa os conhecimentos e as técnicas que tem na fotografia artística para colocar também nesse outro estilo, nesse outro trabalho que você faz?

Chico – A ideia é dia 31 de dezembro (*de 2014*) parar de fazer essa fotografia social, que a ideia é me dedicar às minhas publicações, né? A partir de janeiro, eu penso isso, ou a partir do *Francisco*. Assim que eu lançar o *Francisco*, eu quero parar essa coisa de fazer foto-

Apenas ao final da entrevista, a equipe ficou sabendo que Chico Gomes é dono de uma sorveteria. Os comentários foram de que, se essa informação tivesse sido passada antes, a entrevista teria sido feita lá.

grafia social. Por que eu ainda faço? Porque é um dinheiro mais rápido. Porque eu tenho uma família para sustentar. Eu tenho filha, eu tenho filho, eu tenho minha esposa, eu tenho minha casa. E a gente tem de ganhar um dinheiro de uma forma mais rápida e a forma mais rápida é a fotografia social, que eu fotografo aqui e, quando eu termino a fotografia, o cara já me paga. Quer dizer, por enquanto eu ainda não posso parar de fazer isso. E por que eu sou tão chamado para essa fotografia social, essa fotografia comercial? Porque exatamente eu exerço meu olhar fotojornalístico, ou fotodocumentarista, dentro do meu evento social.

Eu fotografo um casamento e praticamente eu não peço para ninguém posar para mim, nem noiva e nem ninguém. Quando eu vou entregar as fotos, quando eu vou mostrar as fotos, a noiva olha e diz assim: "Tu estavas onde?" Porque é um outro enquadramento, é uma outra forma de ver, é uma outra luz pensada, né? Mas por que é que eu sou muito chamado? Por causa disso. Porque é um olhar que eu exerço dentro do evento social, mas é um olhar, digamos, de certa forma, mais artístico, com uma estética um pouco diferente do que

Ana Maria – Durante a produção desses trabalhos sociais com políticos, casamentos, enfim, tem alguma história, algum acontecimento, alguma coisa que foi marcante que você, sempre que alguém faz essa pergunta, conta essa história, lembra desse momento? Algum momento mais marcante durante esses trabalhos de fotografia social?

Chico – Olha, tem um momento que foi interessante de uma noiva que eu fui fotografar, que eu achei um barato. A gente estava indo fotografar naquela igrejazinha pequeninha, é bem na esquina na Praia de Iracema. Só cabem 100 pessoas dentro da igreja (*refere-se à igreja São Pedro*). A noiva era pirada, a noiva era analista de sistemas do Banco do Nordeste. Doida. Mas doida daquelas de rebolar a pedra para cima e esperar para ela cair na própria cabeça. Linda! E aí beleza. O casamento marcado para às 15h30min em ponto. Vamos nós no carro, fomos ali até o Centro Cultural da Caixa Econômica, na (*avenida*) Pessoa Anta, para poder pegar ali e voltar pela rua que vai para a Ponte Metálica, que é exatamente a rua dessa igrejazinha. A gente vai andando, andando, andando, an-

Quando criança, um dos maiores sonhos de Chico era estudar no Colégio Cearense. Em 2007, já adulto, ele recebeu o convite da instituição, na época Faculdade Católica do Ceará, para ser professor técnico de fotografia.

"O mundo pede mudanças o tempo todo, o mundo tem uma transformação incrível o tempo todo. Então, ninguém aceita mais aquela fotografiazinha normal."

se faz na fotografia social. Fotografia social é aquela coisa muito posada, é *xis*, é não sei o quê. Por que a Abafilm (*uma das grandes empresas de fotografia cearenses*) fechou? Porque era o mesmo olhar o tempo todo. Porque uma pessoa entrava lá como zeladora, seis meses depois passava a ser fotógrafo da empresa. Por quê? Porque se pegava as luzes, fincava a luz no chão com cimento e aquela era a luz de resolver a foto. A pessoa ia para lá, fazia a posição e fotografava. Quer dizer, não tem como resistir à mudança de que o mundo vem pedindo para a gente. O mundo pede mudanças o tempo todo, o mundo tem uma transformação incrível o tempo todo. Então, ninguém aceita mais aquela fotografiazinha normal, aceita um enquadramento diferente, feito por dentro de um buraco de uma pedra, por dentro de um buraco de não sei o que, uma luz que vem não sei de onde e o enquadramento em *contra-plongée*. Quer dizer, esse é o olhar que eu exerço dentro da fotografia social que eu consegui desenvolver dentro da minha fotografia documental e autoral com o olhar fotojornalístico.

dando no carro, né? Daqui a pouco vai chegando próximo à entrada da Ponte Metálica, ela chama o motorista: "Augusto, dá uma paradinha! Dá uma paradinha!" "Parar por que, mulher?" "Chico Gomes, vamos tomar cachaça na Ponte?" Eu disse: "Minha filha, só se for agora!" A doida foi tomar cachaça na Ponte Metálica e o casamento truando lá, com o noivo esperando na igreja. Eram 15h30min em ponto, o noivo estava lá esperando e a gente desceu do carro, ela com o vestido bem grandão arrastando no sujo, "Vamos lá para a ponte, tem um barzinho, tomar cachaça." Ficamos lá até 16 horas. Tu acreditas numa coisa dessas? E o bom era o seguinte: na hora em que ela foi para o orelhão, foi ligar para o marido dela: "Olha, daqui a um pedacinho eu chego aí. Eu estou tomando uma cachaça aqui." Aí ele: "Por que vocês não me chamaram?" Mais doido ainda. E ficou lá e a gente ficou até 16 horas. Eu sei que apareceu um cachorro lá, eu pisquei o cachorro nela, ela saiu correndo e eu fotografando atrás e o cachorro querendo pegar ela para morder. Foi uma comédia! Esse

O hábito que Chico se refere durante a explicação de uma fotografia na sala dos ex-votos, em Canindé, diz respeito ao hábito franciscano, uma vestimenta de cor marrom muito utilizada pelos romeiros.

Durante décadas a empresa belga AGFA foi uma das maiores produtoras de filmes fotográficos, ficando atrás somente dos grandes concorrentes da época: Fujifilm e Kodak.



foi massa demais, esse momento foi muito legal. Quer dizer, tem esses momentos também bacanas na fotografia social (*risos*).

Nathanael – Chico, agora falando um pouco sobre o seu trabalho que você considera o divisor de água, um dos mais importantes, que é o *Francisco*. A gente conversou com o teu irmão (*José Cleber Uchôa Gomes*) e ele disse que você sempre foi à missa e fazia parte de grupo de jovens na igreja. A religião foi sempre presente na sua vida a ponto de querer retratar os romeiros de Canindé?

Chico – Essa coisa da minha religiosidade não teve muito a ver com essa coisa do trabalho *Francisco* não. O trabalho *Francisco* começou a partir do ensaio final do curso da Casa Amarela. O que foi o ensaio? Vamos pra Canindé, porque estava na época da festa, vamos fazer o ensaio sobre a romaria. Chegando lá, eu senti um negócio meio esquisito. Porque, pra eu nascer, meu pai fez uma promessa, porque eu era grande demais na barriga da minha mãe. Eu nasci com 52 centímetros e cinco quilos e 100 gramas – inclusive é o mesmo peso que tenho hoje em dia. (*risos*) Quer dizer, era uma coisa exagerada entendeu? Minha mãe estava pra morrer porque eu não conseguia nascer, e era parto normal. E meu pai se apegou com São Francisco. E meu pai, que não é besta, fez uma promessa pra eu pagar indo a pé até Canindé. Eu me lembrei dessa história quando eu cheguei lá pra fazer esse ensaio final do curso.

Eu já tinha começado a ler alguma coisa sobre São Francisco e achei muito interessante e, quando eu vi aquela coisa daquele romeiro, “poxa, gente, o romeiro vem do Maranhão, do Piauí, de Cabrobó, vem de não sei de onde, a pé.” Muitos deles vêm a pé dessas cidades. Mas eu fui, me apaixonei por aquela coisa, né? Desde a época que eu fiz essa coisa eu achei

que aquilo ali poderia render um trabalho legal, digamos, como o meu primeiro grande ensaio fotográfico e eu comecei a fazer porque eu achei que poderia render um bom trabalho. E já tinha ficado sabendo do trabalho do Tiago Santana, que é feito sobre os romeiros de Padre Cicero, que foi o livro *Benditos*, que ele lançou. Um livro muito interessante, com o olhar muito louco do Tiago. E aí eu achei que ali poderia me dar um ensaio bacana e eu não sabia quanto tempo ia durar fazendo isso e acabei fotografando durante 13 anos.

David – Chico, durante esses 13 anos, o que mudou em ti? Mudou algum tipo de visão em relação ao ensaio, em relação à romaria ou a perspectiva. O que te fez ir durante 13 anos pra Canindé de uma maneira mais...

Chico – ... A gente nunca acha que nosso trabalho está encerrado. Eu acho que sempre tem como fazer uma foto a mais. Mas uma das coisas que me fizeram passar esse tempo foi que eu acho tão legal chegar em Canindé, passar quatro dias naquele solzinho frio de 42 graus na sombra (*ironizando*), fotografando romeiro pra conhecer as histórias dos romeiros. Gente, é muita história linda, é muita história louca. De penitência, da crença, a fé que aquele povo tem... As pessoas virem a

“É muita história linda, é muita história louca. De penitência, da crença, a fé que aquele povo tem...”

Ao relatar as visitas ao Delta de Parnaíba e aos manguezais, onde fotografava os catadores de caranguejo, Chico revelou que a maioria deles planta maconha em casa. O uso do alucinógeno pelos catadores, segundo ele, era essencial antes do trabalho.

pé e de locais distantíssimos sem ter dinheiro! E uma coisa interessante, por exemplo, às vezes eu estou fotografando perto dos cofres onde eles botam o dinheiro das promessas, pra pagar as promessas... Você vê o rico chegar lá e botar uma moedinha. Vê a moedinha fazendo um barulho. O pobrezinho, com uma chinelinha havaiana toda comida, com os pés todos coisados, tira uma cédula de 100 reais e bota. E eu digo "Pô, o que é isso... Como é que pode? As pessoas sacrificam a própria comida que têm pra comer em casa pra trazer pra pagar uma promessa de dar um dinheiro pra um santo." E essas coisas é que me levaram. E todo ano eu digo: "Não, acho que está faltando foto tal. Acho que está faltando foto de romeiro na estrada." Eu fui a pé também. De Fortaleza pra lá fotografando os romeiros na estrada. Tá faltando foto de algum romeiro passando no meio da rua, mas eu fotografando o romeiro por dentro de uma casa de alguém, com um santo como plano de fundo em algum local, em algum canto da parede. Eu fotografava isso. Eu quero fotografar os pés de um Francisco, mas eu não quero que ele pise no chão. E eu consegui fotografar um cara com um hábito praticamente flutuando, passando no chão. Quando ele deu o segundo passo, é como se ele tivesse flutuando. Você não nota o pé dele. É bem interessante! Tem uma foto muito legal que eu gosto muito dela. Eu estava dentro da sala dos ex-votos e eu queria Francisco presente na foto, dentro da sala dos ex-votos, como se ele tivesse recebendo ali os votos dos peregrinos, dos romeiros. Como é que eu vou fazer isso? Eu tenho de esperar aparecer uma pessoa de hábito, uma pessoa que seja mais ou menos com o perfil parecido com o Francisco e fazer

essa foto com uma baixa velocidade. Eu vou deixar essa pessoa um pouco borrada na imagem. Mas os ex-votos que estão tudo na parede vão aparecer com nitidez. Eu me sentei no chão e demorei praticamente meio dia pra poder fazer essa foto. Eram 7 horas da manhã e terminei quase 12h30min. Olha, eu consegui fazer a foto. Eu sentado no chão, a parede toda lá. E de repente, quando eu olho, lá vem um cara. Eu não gosto de pedir alguém pra fotografar: "Rapaz, vem aqui pra eu simular..." Não gosto! Eu prefiro esperar horas e horas pra poder fazer a foto. De repente, vem aquela figura magra, barbadinha. E eu disse: "Não acredito!" Rapidinho fiz a foto e pronto, consegui. Você não identifica quem foi a pessoa, pra mim aquele é Francisco, porque está com hábito e está borrado

Breno – Chico, nos seus trabalhos documentais e autorais, as pessoas fotografadas vêm interagir com você? Como vocês interagem transparece na imagem?

Chico – É como eu disse no início, eu não gosto de roubar imagem. Sempre que eu vou fotografar alguém, eu peço permissão. Às vezes eu não peço, às vezes a cena está tão interessante que fotografo, mas, quando eu fotografo, eu vou lá conversar com ela: "Olha eu fiz essa tua imagem aqui, eu posso ficar com ela?" "Pode, pode..." Ou então: "Não, pode apagar". Eu apago na mesma hora e mostro pra pessoa. Eu não gosto de estar roubando imagem, eu gosto de fotografar e de mostrar. A partir do momento que eu vou fazer isso, eu começo a conversar e saber da história da pessoa. Daqui a pouco dizem assim: "Tu não quer fazer mais fotos não"? Eu começo a pensar em um enquadramento interessante, um plano de fundo que eu vejo que: "Rapaz, se tu passar bem ali

O primeiro contato com Chico Gomes, feito pelo produtor Nathanael, aconteceu às 11h47min do dia 30 de setembro de 2014. A duração da chamada foi de 03min36s.



A Editora SENAC fez uma proposta a Chico Gomes para que ele publicasse, em um livro, o ensaio sobre Maracatus e Afoxés em Fortaleza. Segundo ele, a editora sugeriu uma tiragem de nove mil cópias.

A Festa de Reis, a Festa do Pau de Santo Antônio e Umbanda e Candomblé são temas que Chico pretende trabalhar ou seguir trabalhando nos ensaios fotográficos artísticos.

vai ser massa. Passa lá pra eu fazer." A pessoa passa e eu faço. Quer dizer, a gente monta. Todo mundo monta uma fotografia, não tem um que não monte! Sebastião Salgado, Tiago Santana, Maurício Albano, todos montam fotografia, não tem um que não faça isso.

Nathanael – Depois de 13 anos fotografando as romarias, como surgiu a proposta de lançar uma seleção dessas imagens em um livro só teu?

Chico – Na realidade meu primeiro livro foi um livro coletivo que é o *Homens Caranguejo* um trabalho que eu fiz com mais três amigos (*Henrique Cláudio, Sérgio Nóbrega e Sérgio Carvalho*). Mas eu disse assim: "Poxa, não posso viver de livro coletivo. Eu tenho de começar as minhas publicações." O *Francisco* foi esse grande mote de começar a fazer o meu primeiro trabalho autoral. E eu fiz 22 mil imagens, se não estou enganado. O Tiago Santana é o editor do livro e de todas essas imagens que eu fiz, eu tirei 800 imagens e entreguei para o Tiago Santana e o Tiago Santana dessas 800 imagens vai escolher em torno de 95 a 100 fotografias. Porque no livro não estão as minhas 100 melhores fotografias daquele evento. No livro tem de ser contada uma história, tem

de ter uma narrativa. Pode ter uma foto que não é tão boa, mas aquela história se enquadra muito bem na narrativa a ser contada pelo editor do livro. Quer dizer, não são as minhas melhores 100 fotos da romaria. São 100 fotos que contam uma bela história de documentação dessa romaria em preto e branco. Por que em preto e branco? Porque eu acho que todo drama, e pra mim a romaria é um movimento de drama, porque as pessoas sofrem para poder pagar suas penitências e tudo o mais, deve ser mostrado de uma forma monocromática. Acho que monocromaticamente mostrar um drama é uma coisa que fica muito mais rica. E eu quero mostrar o *Francisco* de uma forma monocromática, como eu mostrei também o *Homens Caranguejo*.

Nós nos juntamos, nós fizemos o curso da Casa Amarela juntos. E depois continuamos conversando e pensamos: "Rapaz, vamos fotografar o que agora?" O Sérgio Carvalho e o Sérgio Nóbrega são de Teresina, lá no Piauí. "Por que a gente não fotografa os catadores de caranguejo?" Começamos a pensar como seria a logística de ir, filme... E eu consegui o endereço, pela internet, da *AGFA* e da *Kodak*, mandei um *e-mail* pra eles lá, dizendo que ia fazer esse trabalho e se eles não poderiam ajudar a gente. De repente chegaram caixas e caixas de filme lá em casa. Com filme a gente não vai gastar dinheiro. E como é que a gente ia se sustentar por lá se o dinheiro era pouco e tudo o mais. Eu disse: "Cara, caranguejo... Vamos pensar em alguém que possa patrocinar a gente sobre caranguejo." O primeiro nome que se pensa? Chico do Caranguejo! Vamos tentar fazer um projeto e mostrar ao Chico do Caranguejo. Falamos da importância do Chico do Caranguejo estar presente no livro, chegamos lá mostramos pro Chico do Caranguejo e o Chico do Caranguejo disse simplesmente assim: "Eu pago tudo, vocês não vão gastar um



Chico revelou que o filho de 14 anos, Ícaro Duarte Gomes, também é apaixonado por fotografia, embora queira ser jogador de futebol. Um dos maiores desejos de Chico é pedir ao filho que autografe um livro de fotografia produzido por ele mesmo.

"Talvez 10% dos fotógrafos brasileiros pensam em publicar livros, mas eu acho que o grande lance da vida de um fotógrafo é ver o seu trabalho publicado."



centavo" Pô, foi massa demais.

Ficamos hospedado em um dos seis barcos do Chico e passamos todo esse tempo dentro do barco dele comendo uma comida horrorosa, um tal de caranguejo, camarão, bacalhau (*risos*) horríveis da vida e comendo peixe bom. E fizemos todo com filme preto e branco, que foi um negócio fantástico, e eu mesmo revelei todos os filmes num laboratório particular e foi um trabalho incrível! Tem muitas histórias interessantes. Uma das histórias interessantes que eu acho é, por exemplo, a pena que dava da exploração desses catadores de caranguejo, era um negócio meio maluco. Os caras tiram uma corda de caranguejo, uma corda de caranguejo aqui são muitos caranguejos, são dez caranguejos. Uma corda de caranguejo lá são quatro caranguejos. Mas de qualquer forma o que é pago pra eles por uma corda de caranguejo é um real e 20 centavos. Quando a gente começou a fotografar no mangue, começou a fotografar os catadores de caranguejo, a gente voltava e ia pras comunidadezinhas e ficava por lá e conversava com os caras e a gente começou a perceber uma coisa muito mais rica do que o próprio catador de caranguejo, que era o quê? Aquelas famílias que transitavam ao redor dessa cata do caranguejo, as pessoas que viviam praticamente do beneficiamento desse caranguejo, de tirar a carne do caranguejo, de fazer artesanato com a casca do caranguejo e de vender o caranguejo também. Ninguém

focou só no catador de caranguejo, a gente passou a entrar dentro das comunidades, nós começamos a visitar todas as ilhas da Parnaíba onde tinha catador de caranguejo, nessa época não tinha luz nessas pequenas ilhas, mas foi muita riqueza.

Nathanael – Chico, voltando mais aqui para a publicação de livros e, enfim, da fotografia. Você acha que há incentivo público para fotografia como manifestação artística, seja ela em exposições ou em publicação de livros?

Chico – Olha, hoje nós temos uma coisa muito interessante no Brasil chamada Lei Rouanet, do Ministério da Cultura, que é onde a gente consegue, de certa forma, um patrocínio para os livros. Do livro *Homens caranguejo* o projeto deu 269 mil reais, eles cortaram e baixou pra 229 mil reais, mas deu pra publicar tranquilo, inclusive nós publicamos com muito menos do que isso porque nós não conseguimos captar o dinheiro todo. O cara que é empresário que não patrocina o livro é o *cabra* mais burro do mundo, porque ele não gasta um centavo e a logomarca dele tá dentro do livro. Por quê? Porque o dinheiro que ele tinha de recolher para o governo, ele vai e injeta no projeto cultural, que no caso é o livro, então ele não tem prejuízo de nada. É uma coisa muito interessante. E não existe muito incentivo em nível de empresas de patrocinar livros. A partir do momento que a gente tem o projeto aprovado pela Lei Rouanet, lá vai a gente nas empresas mendigar isso (*o patrocínio*). Mas é difícil captar o dinheiro, é difícil demais, rapaz! Isso aqui nós sofremos pra captar esse dinheiro aqui, acabamos captando 75 mil do Banco do Nordeste e mais 40 mil só da Coca Cola.

Amanda – Chico, para o livro Francisco, que você deve publicar em breve, vai ter também esse tipo de apoio?

Chico – Vai ter esse apoio sim. Eu já tenho o apoio praticamente certo da Prefeitura de Ma-

“Dentro do DeVERcidade, os meninos me chamam de ‘judeu da fotografia’, porque eu gosto muito de estar fazendo coisa pra vender pra galera.”

A entrevista finalizou, de fato, com uma pergunta especial da filha, feita durante a pré-entrevista. Geovana Gomes queria saber qual o maior desejo que ela poderia realizar pelo pai. Ele respondeu que ser chamado de vô era tudo o que ele mais queria.

O primeiro emprego de Chico Gomes, com carteira assinada, foi como zelador de uma empresa de decoração de *box*. Na entrevista e pré-entrevista, ele brinca que ainda sente cheiro de cocô debaixo das unhas.

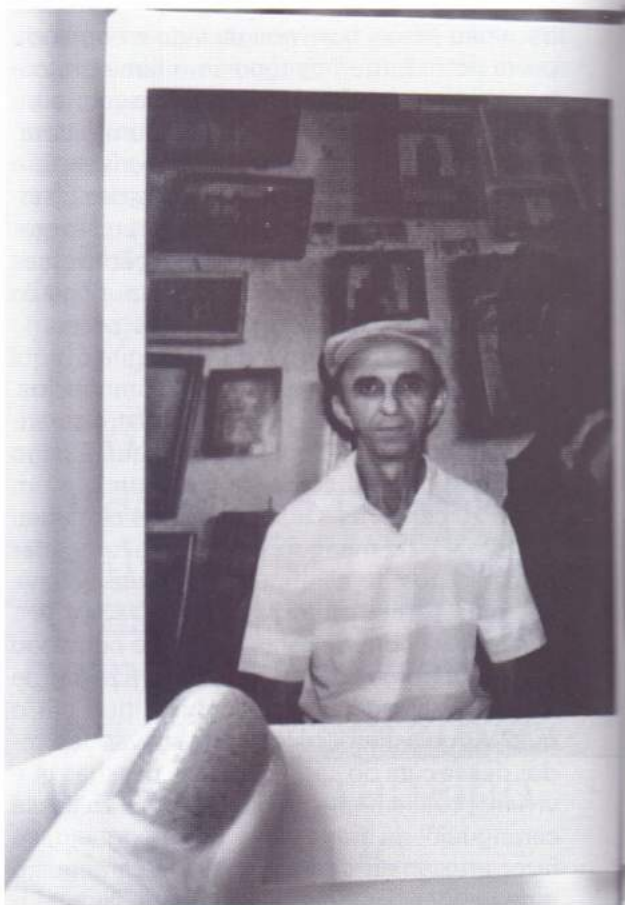
Chico já foi monitor de crisma, monitor de catecismo e coroinha. Ele conta que, nessa época, comia as hóstias da igreja pensando que era bolacha.

“O grande lance, pra mim, é ver as pessoas conversando sobre fotografia e isso é que me dá energia pra continuar fazendo a feira.”

ranguape, da Prefeitura de Canindé, da Prefeitura de Caridade. O prefeito de Canindé, Celso Crisóstomo, está superempolgado com o livro, achando que vai ser uma coisa fantástica; o *Café Santa Clara*, que é um dos patrocinadores da festa lá da romaria de São Francisco, porque Santa Clara foi a grande companheira de São Francisco na vida dele. O café Santa Clara, numa visão muito interessante, patrocina praticamente todo ano a festa lá. O senador Inácio Arruda, como um cara que eu sempre trabalhei pra ele, é um cara que vai me dar uma força e tem outro senador que é devoto de São Francisco, Pedro Simon, que também vai colocar dinheiro para a publicação do livro. Quer dizer, o livro *Francisco* vai ser muito mais tranquilo do que o livro *Homens Caranguejo*. E como eu pensei: “O livro *Francisco* é interessante que eu faça uma coisa maior e bem interessante.” E a primeira ideia foi lançar o livro na cidade de Assis, na Itália, onde estão os restos mortais de São Francisco, onde ele nasceu. Eu disse assim: “Acho que dentro da Lei Rouanet não vai dar muito pra eu ter essa coisa de viagem, eu vou ter de conseguir de uma outra forma.”

Uma outra coisa que a empresa onde eu trabalhei me ajudou. Quando eu estava trabalhando na empresa, como eu aplicava dinheiro no mercado financeiro, eu tinha contato muito grande com diretores de banco e com gerentes de bancos. Um dos gerentes de banco foi o meu amigo Neto (*Rodrigues*), era gerente do *Banco Bamerindus*. Na época, fiz uma amizade muito grande com ele, foi um cara muito bacana. Quando eu saí da empresa, há dois anos, foi no final de 2012, houve um congresso aqui no Marina (*refere-se ao Marina Park Hotel Fortaleza*) em que ele foi participar do Congresso Brasileiro das Entidades Fechadas de Presidência Privada e eu fui contratado para ser o fotógrafo. Quando eu chego lá, quem é o diretor do *Banco Bozano Simonsen* de São Paulo? O Neto! Trocamos umas ideias bacanas e eu falei da minha trajetória ele ficou superempolgado,

quase que chora, quando ele viu minha trajetória na fotografia. Disse assim: “Chico, cara, eu quero estar junto contigo em alguma coisa, o que é que eu posso fazer contigo?” “Rapaz, Neto, o grande projeto da minha vida é o livro *Francisco*, que eu quero lançar agora no próximo ano (2015). Na realidade isso foi no final de 2013. Eu quero lançar esse livro *Francisco*, mas a minha ideia é lançar primeiro dentro da Basílica de Assis, na Itália, e eu não sei como eu vou conseguir esse patrocínio.” Eu disse: “O *Banco Bozano Simonsen* patrocina esse tipo de iniciativa?” Ele disse: “Chico, olhe, eu acho que não, mas eu posso procurar saber pra ti” Quando foi no sábado à noite, eu cheguei em casa fui descarregar as fotos, o que é que eu fiz? Fui logo fazer um documento pra poder mandar pra ele, explicando o que é que era o projeto, quanto tempo, tudo mais, qual era o meu interesse e saber se, por acaso, ele tinha perguntado lá pro pessoal se o banco não tinha esse tipo de iniciativa de patrocinar isso. E, no domingo, eu recebo o *e-mail* dele e ele diz: “Olha, Chico, infelizmente o *Bozano Simonsen* não tem esse tipo de iniciativa de patrocínio de livro, mas eu quero lhe dizer que, particularmente, como você falou que vai lançar na Itália, em seis países pela Europa, França, Alemanha, Espanha, Portugal, eu quero lhe dizer o seguinte: a sua viagem para a Itália está toda patrocinada por mim. Hospedagem e passagem eu vou patrocinar do meu bolso.”



Na pré-entrevista, Chico falou que nunca pensou em desistir da fotografia e gostaria de ser enterrado com uma câmera. Com bom humor, supõe que possa fotografar um ensaio em outra dimensão.

O que eu fiz? Peguei o *e-mail* dele, dei um *print screen*, imprimi e botei na minha parede lá. Tá o *e-mail* impresso na minha parede lá. O cara patrocinou tudo, patrocinou toda minha viagem pela Europa, quando eu for lançar o livro. Isso pra mim vai ser show de bola demais! Imagina uma ponte aérea Vila Manoel Sátiro – Europa é um negócio louco!

Breno – O que significa, para um fotógrafo, a publicação de um livro com o seu trabalho? É um destino almejado pra todo ensaio?

Chico – A fotografia no Brasil é dominada praticamente pela fotografia social, comercial, publicitária, pra efeito de moda também. Essa galera que trabalha nessa área não publica livros. São trabalhos comerciais praticamente comerciais. Talvez 10% ou menos de 10% dos fotógrafos brasileiros pensam em publicar livros, mas eu acho que o grande lance da vida de um fotógrafo é ver o trabalho publicado. Acho que nada supera isso. Quando eu começo a pensar no ensaio eu visualizo um livro, eu penso muito mesmo. Eu estou com 14 ensaios, ou seja, 14 livros vêm por aí. Não sei se vão prestar, mas vêm por aí, vem! Tem o *Sob a laje*, tem o *Bastião*, que é sobre o Cemitério São João Batista. Tem um trabalho que eu comecei a fazer que eu estou achando muito interessante, que é chamado de *Ladrilhos – mosaicos*. É um colorido lindo e o trabalho está ficando fantástico. Eu comecei a fazer uma pesquisa sobre a chegada do mosaico portu-

guês no Brasil. Quer dizer, a gente começa a fazer um ensaio e daqui a pouco já gera uma outra pesquisa na cabeça da gente.

Hélio – Chico, tem algum ensaio teu que tu consideras o favorito, que tu mais gostaste, tua melhor memória?

Chico – Cara, pra mim são dois. O primeiro é o *Francisco*, que não tem como eu negar isso, e o segundo é o *Maracatu Afoxé* que, eu acho muito legal e você via... Grande parte da população tem medo, acha que é coisa do diabo fotografar o maracatu, tem relação com a umbanda, com o candomblé, e tem nada a ver. É um outro ensaio que eu faço, o Candomblé e Umbanda no Ceará. Quando eu comecei o livro *Canindé*, eu não comecei só, eu comecei com o Sérgio Nóbrega, com o Alex Costa e com o Pierre Veras. Depois eles pararam e eu continuei porque eu sei que aquilo era bom pra mim e eu queria fazer aquele trabalho do *Francisco*. Teve um momento de eu andando com o Alex, né? E de repente sentou, assim, sentou no chão, com um bonezinho, sentou no chão e disse: "Porra, cara, agora vamos esperar um pouquinho que eu tô cansado pra caralho, bicho, tô que não aguento não, tô cansado demais." Daqui a pouco o pessoal passava e jogava uma moeda no boné dele. Eu sei que ainda deu bem uns cinco reais, ele foi comer com o dinheiro. (*risos*) E estavam jogando no boné dele, fingindo que era um pedinte, cara, foi a coisa mais engraçada do mundo.

Ao falar sobre os ensaios fotográficos que está realizando, Chico cita um trabalho desenvolvido com personagens de Cosplayers na Super Amostra Nacional de Animes (SANA). Ele brinca dizendo que, caso publique um livro, o título será "Sanatório".



Francisco Antônio Oliveira Gomes, o Chico, é filho de Francisco César Gomes e Francisca Fátima Uchoa Gomes. O nome de Chico Gomes parecia predestinado, dada a coincidência dos "Franciscos(as)".

No perfil de Chico Gomes, no *Facebook*, estão algumas fotografias dos ensaios feitos por ele. Para inserir no material de produção, a equipe de produção salvou uma parte delas e enviou para a turma conhecer o trabalho do entrevistado.



Mariângela – Agora falando um pouco da Feira da Fotografia e do IFoto, o que te levou a participar da criação desses espaços?

Chico – Eu sou um dos fundadores do Instituto da Fotografia do Ceará, o IFoto. Dentro do IFoto, nós todo ano fazemos um evento muito grande intitulado DeVERcidade. O que é o DeVERcidade? Um encontro de olhares sobre as cidades. Então, a gente convida fotógrafos do Brasil inteiro para poder vir pra Fortaleza pra fazer esse grande evento. Dentro do DeVERcidade, os meninos me chamam de “judeu da fotografia”, porque eu gosto muito de estar fazendo coisa pra vender pra galera. Porque é minha forma de ganhar dinheiro. E eu comecei a inventar a feira dentro do DeVERcidade. Durante dois DeVERcidades, nós tivemos feira, que foi a feira da fotografia do DeVERcidade. Mas era aquela coisa, muita gente não queria ajudar, eu fazia tudo praticamente só. E não vingou a feira, teve mais três

DeVERcidades e a feira não vingou. Teve só venda de livro, continuou a venda de livros. E ainda teve venda de outras coisas. Quando foi há dois anos, dois anos e meio atrás, uma turma boa do Igor Grazianno, que foi professor lá da Casa Amarela, o Igor me conhecia e disse: “Rapaz, chegou uma turma boa aí, interessada em fotografia. Tá a fim de ir conversar com eles lá sobre alguma coisa tua não?” E eu disse: “Rapaz, eu tenho muita vontade de retornar com a Feira da Fotografia” “Cara, pois conversa com essa galera que essa galera dá valor à fotografia!”. Eu falei com o Zé Lourenço, com a Aline e com a Lorena; ficamos superempolgados e começamos a Feira da Fotografia. A gente precisava de um espaço e de repente o Mercado dos Pinhões, que foi um lugar que a gente sempre fez a DeVERcidade, ainda hoje no Mercado dos Pinhões, é um dos espaços que a gente ocupava. E comecei a fazer a feira com essa galera no Mercado dos Pinhões. A feira está aí, dois anos e meio que está acontecendo a feira, de dois em dois meses, a próxima feira é no dia 13 de dezembro. Superbacana, ninguém paga nada. Toda feira nós temos duas palestras, workshops ou alguma coisa. E sempre tem alguma palestra interessante dentro da feira, viu? Palestra sobre pesca submarina, palestra sobre fotografia de moda. E a fotografia social tem aprendido muito lá dentro da Feira da Fotografia. Mas, pra mim, a Feira da Fotografia é muito mais um momento das pessoas que gostam de fotografia se juntar... Se eu vir que tem dentro do espaço da Feira da Fotografia gente conversando sobre fotografia, pra mim pagou a minha feira, que eu não ganho praticamente nada na feira da fotografia, se eu

“Pesquisar sobre o que faz, ler sobre o que faz. Acho que esse é o grande mote da vida de todo mundo, seja a área que for que você vai se meter.”

A fotógrafa Luiza Carolina fez quatro imagens instantâneas antes de iniciar a entrevista. Três para a equipe de produção e uma para que Chico pudesse guardar como recordação.

“Eu acho que eu não me vejo trabalhando com outra coisa que não seja fotografia. Eu percebi isso a partir do momento quando eu me vi fotógrafo.”

vendo um livrinho aqui, acolá; uma besteirinha aqui, acolá, mas o grande lance, pra mim, é ver as pessoas conversando sobre fotografia e isso é que me dá energia pra continuar fazendo a feira.

David – Além de ser um fotógrafo, você se considera um ativista da fotografia?

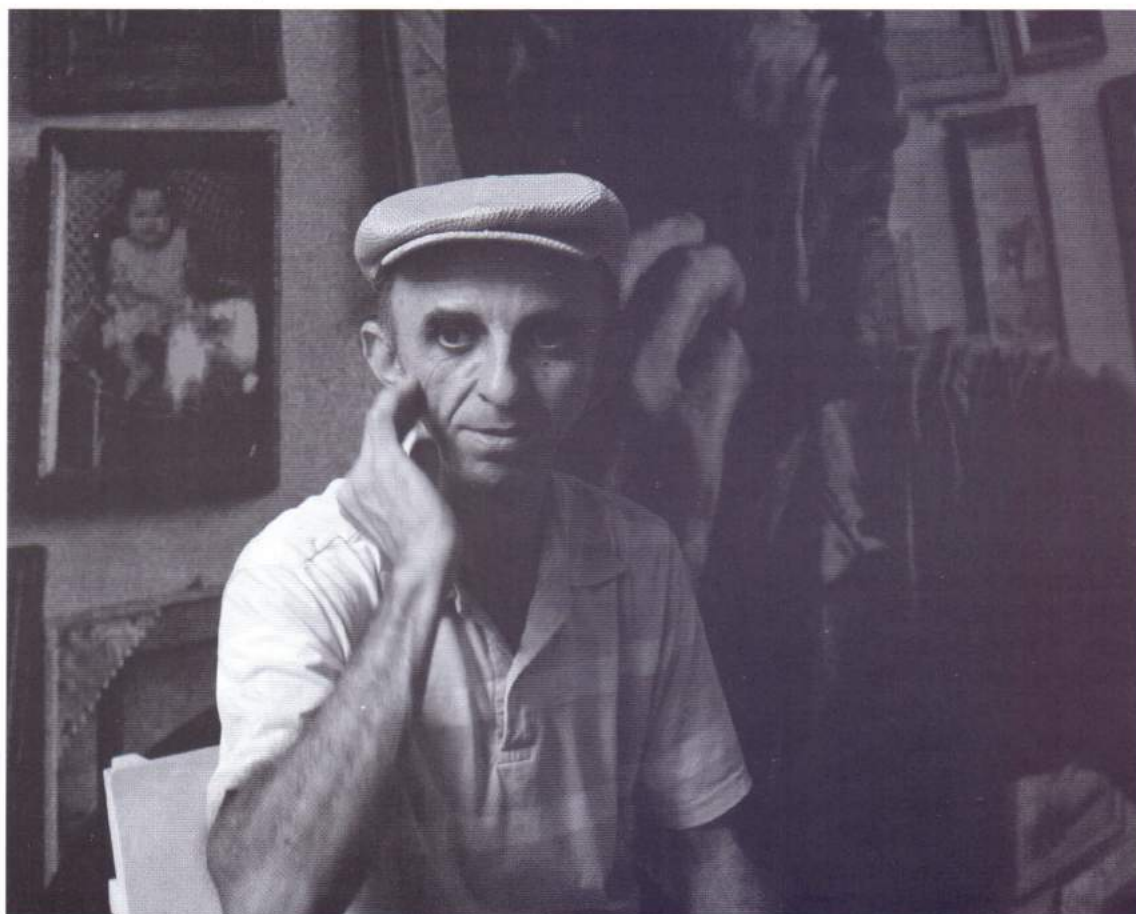
Chico – Eu acho que sim. Os meninos não me chamam de ativista, me chamam de “o doído da fotografia”, porque eu gosto de mexer com tudo da fotografia, eu gosto de estar movimentando, eu participo de todos os eventos

de fotografia no Estado, eu estou presente não só participando, como produtor dos eventos. Eu participo do Agosto da Fotografia, que inclusive aconteceu há pouco tempo aqui, junto com o (*fotógrafo*) Gentil Barreira. Foi evento de fotografia, pode ter certeza de uma coisa: se o meu nome não tiver dentro, não vai dar certo o negócio, porque eu tenho de estar dentro, pode ser o que for.

Amanda – Chico, você acha que a Feira da Fotografia e esses espaços em geral que crescem em relação à fotografia aqui na cidade ajudam também a quem não é profissional da área, mas de se interessar mesmo como uma apreciação de uma expressão artística?

Chico – Com certeza. A Feira da Fotografia tem isso também, né? Além de ser um espaço onde, por exemplo, tem os workshops grátis, onde as pessoas aprendem muitas das técnicas de fotografia, é um espaço ainda que... Nós temos uma dificuldade enorme na cidade de comprar equipamentos. Tínhamos! A feira apareceu e isso está praticamente acabando, porque na feira praticamente todo tipo de equipamento que você imaginar a galera tá vendendo na feira. Quer dizer, é um espaço onde as pessoas aprendem técnicas, onde as pessoas compram coisas, onde as pessoas vendem coisas. Tem a galera da lomografia, a galera que gosta de fotografar ainda com filme e tudo mais vai pra lá. Quer dizer, digamos que

Na entrevista, Chico citou o irmão (e melhor amigo) que faleceu aos 20 anos após ser atingido por uma pedra na cabeça. A turma preferiu não se aprofundar no caso.



Francisco Antônio Oliveira Gomes tem 52 anos, é natural de Fortaleza, casado com Aurilene Duarte dos Santos Gomes, com quem tem um filho e uma filha.

Preocupados com o procedimento da entrevista, a equipe de produção esqueceu de anotar detalhes físicos e pessoais do entrevistado, características fundamentais para compor o perfil que deveria ser escrito.

tem alguns nichos de pessoas que gostam de um certo tipo de fotografia, que vão lá pra feira como um espaço onde vão conversar. A galera da fotografia de moda vai conversar sobre fotografia de moda na Feira da Fotografia.

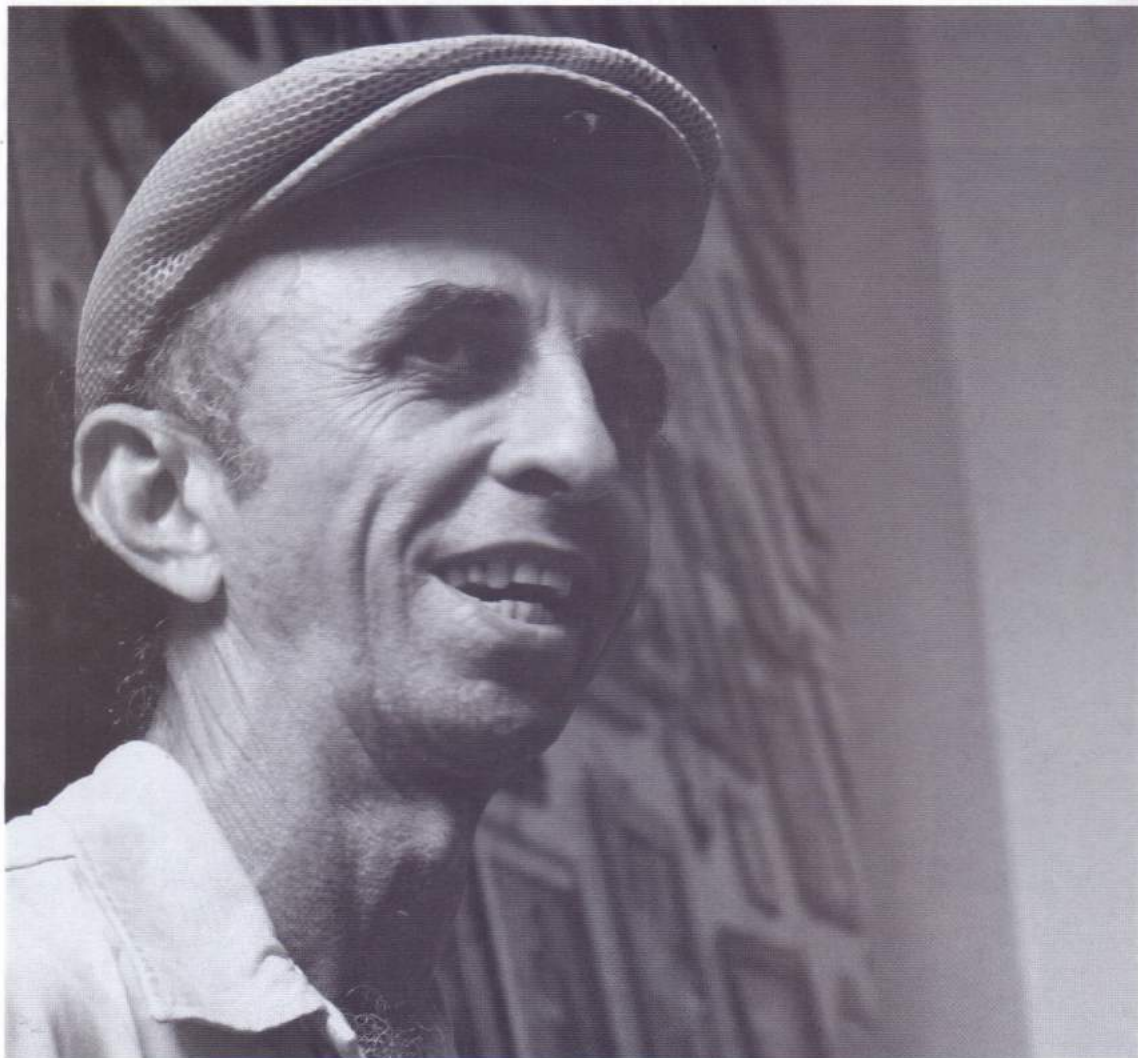
Ana Maria – Eu quero fazer uma pergunta sobre o seu tempo de professor lá na Faculdade Marista. Retomando um pouco a sua infância, você gostaria de ter estudado lá no colégio cearense, mas a pergunta é: tem alguma lição ou algum ensinamento, alguma coisa que você sempre falou aos alunos lá que considera de extrema importância para qualquer fotógrafo em formação?

Chico – Pesquisar sobre o que faz, ler sobre o que faz. Acho que esse é o grande mote da vida de todo mundo, seja a área que for que você vai se meter. Se você não pesquisar, se você não ler sobre essa área, acho que você nunca vai ser um profissional da área. E não ler só sobre a área, mas ler de coisas que tenham certa correlação com essa área que você está trabalhando.

Amanda – Chico, você falou antes das suas experiências de ter dado um curso para aqueles fotógrafos de casamento, já passou pela universidade, tenta espalhar esse conhecimento da fotografia na feira, no IFOTO,

você acha que espalhar mesmo a fotografia é a sua missão na vida?

Chico – Eu comecei a perceber isso a partir do momento que eu achei que a fotografia pra mim é tudo. Eu acho que eu não me vejo trabalhando com outra coisa que não seja fotografia. Eu percebi isso a partir do momento quando eu me vi fotógrafo. E eu percebi isso: “Poxa vida, eu encontrei... Hoje eu faço a coisa que eu mais amo na minha vida e as pessoas me pagam pra eu fazer isso.” Eu estou realizado na minha vida, eu amo o que eu faço e ganho pra fazer o que amo. E consegui passar conhecimento para alguns amigos, tirar, como eu falei do André, um cara das drogas, pra viver da fotografia, recuperar a vida. Dar uma condição de um cara que trabalha com fotografia ganhar um pouco mais e realizar o melhor trabalho com aquele equipamento que ele tem, pra mim tá massa! Eu acho que isso é o grande lance de eu ter me tornado fotógrafo. De ter podido de alguma forma dar uma contribuição com a sociedade, pra algumas pessoas que lidam mais ou menos com o que eu lido, que é capturar imagem e propagar a história das pessoas por algum tempo. Isso, pra mim, é show de bola demais!



A pré-entrevista com Chico Gomes foi feita por email no dia 22 de outubro de 2014 às 21h05min. Chico respondeu o e-mail às 23h56min com um arquivo do *Microsoft Word* intitulado “Olá amigo Nathanael.docx”